

## O TELEFONEMA

Ela me telefonou que fosse com urgência. Estava em pânico.

Peguei o carro, pisei no acelerador, violei todos os sinais vermelhos dos semáforos na madrugada da cidade, e em dez minutos estava à porta do palacete.

Ela me recebeu de camisola e, com um dedo sobre os lábios, recomendou-me que não fizesse barulho.

Atravessamos uma sala às escuras e subimos uma escada, ela à minha frente. Apontou-me uma porta fechada. Com muito cuidado, girei a maçaneta e a porta se abriu. Lá dentro também estava escuro. Passei o facho da lanterna ao redor, e vi-o, com a cara torcida sobre o sofá, e caído torto sobre o tapete.

Aproximei-me e apalpei-o. Estava morto. “Há alguém mais na casa?” perguntei-lhe. “Não, não há, dispensamos os criados, porque íamos viajar.”

Ora, se não havia mais ninguém na casa, e ele estava morto, por que as luzes apagadas?

“Porque eu não quero ver a cara dele”, ela explicou. “E que vamos fazer agora?”

“Como aconteceu isso?”, eu quis saber.

“Ele me agrediu, e bati-lhe na cabeça com um ferro da lareira.”

Legítima defesa, refleti. O diabo era a Polícia acreditar nisso.

Enrolei-o no tapete e recomendei a ela que limpasse o sangue, que era pouco.

Carreguei-o enrolado no tapete, abri o porta-malas do carro e joguei-o dentro.

Desta vez, dirigi cautelosamente até a ribanceira do rio e joguei-o na água, deixando o corpo rolar pelo tapete. Tornei a botar o tapete no porta-malas e retornei para o palacete.

Quem me abriu a porta, desta vez, não foi ela, mas ele mesmo.

Quase caí de costas. Como? Como é que ele estava ali, e não nas águas do rio, e voltara antes de mim?

“Que é que se passa? “, ele me perguntou. Você está pálido e assustado. Vou buscar-lhe uma bebida.”

Enquanto ele ia buscar, ela me disse:

“Não foi ele que eu matei. Foi o outro. Eu pensei que era ele, as luzes estavam apagadas.”

Então havia outro?

Ele retornou com o cálice de conhaque, que bebi de uma só virada.

“Que é que você veio fazer aqui, a esta hora?”, ele indagou, quando me viu feito.

“Recebi um telefonema de alguém dizendo-me que viesse para cá, com urgência.”

“Foi um trote”, ela explicou.

“Sim, deve ter sido um trote”, ele concordou.

E ambos riram.

“Se está tudo bem, vou embora”, despedi-me.

“Vá em paz”, ele murmurou. “E não acredite em todos os telefonemas.”

**Antonio Carlos A. Gama**

**Promotor de Justiça, aposentado**